

EXPERIÊNCIA DE MEDIAÇÃO MUSEAL: INTERPRETAÇÃO PATRIMONIAL E PERCEPÇÃO DO MUSEU DA VILA POR EMPREENDEDORES DA COMUNIDADE DO COQUEIRO DA PRAIA-PI

MUSEAL MEDIATION EXPERIENCE: HERITAGE INTERPRETATION AND PERCEPTION OF THE VILA MUSEUM BY ENTREPRENEURS OF THE COMMUNITY OF COQUEIRO DA PRAIA-PI

Mariana L. B. Sampaio¹
Rayla F. de Marques²
Hanna de D. Alvez³
Laline de A. Mendes⁴
Jéssica C. Santiago⁵

RESUMO

Trata-se do relato da experiência de uma mediação educacional e museal realizada na comunidade do Coqueiro da Praia, em Luís Correia, litoral do Piauí, onde funciona o Museu da Vila, um dos núcleos do Ecomuseu Delta do Parnaíba. A mediação é extensão de uma das atividades da terceira edição da Feira do Patrimônio, a rota gastronômica, que teve como objetivo uma cooperação mútua de divulgação entre empreendedores locais e o Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia da UFPI, organizador do evento. Como consequência do sucesso da parceria e a importância da imersão da comunidade na valorização dos saberes e fazeres locais, foi realizada uma atividade de mediação externa com os proprietários de restaurantes na orla da Praia do Coqueiro, visto que lidam com públicos e são potenciais divulgadores do Patrimônio e de seus instrumentos culturais. A proposta, baseada na interpretação patrimonial, foi realizada como discussão dirigida com foco na memória e na percepção da comunidade acerca do Museu da Vila (MUV), da resignificação daquele espaço físico – outrora funcionando como escola – e as programações culturais existentes. Baseada no tripé da Museologia Social, Pesquisar – Educar – Comunicar, a atividade serviu como diagnóstico e gerou produtos-res-

1 Arquiteta e Urbanista, professora de graduação e aluna do Mestrado em Artes Patrimônio e Museologia. E-mail: marianabezerrasampaio@gmail.com

2 Arquiteta e Urbanista, chefe de escritório técnico do IPHAN em Parnaíba-PI e aluna do Mestrado em Artes Patrimônio e Museologia. E-mail: raylameneses@gmail.com

3 Historiadora, professora de graduação e ensino fundamental, aluna do Mestrado em Artes Patrimônio e Museologia. E-mail: hannaalves.ha@gmail.com

4 Arquiteta e Urbanista e aluna do Mestrado em Artes Patrimônio e Museologia. E-mail: lalinemendes@yahoo.com.br

5 Arquiteta e Urbanista e aluna e aluna do Mestrado em Artes Patrimônio e Museologia. E-mail: jessicasantiago@hotmail.com

postas para o desenvolvimento das ações no Museu.

Palavras-chaves: Museu. Museologia Social. Mediação. Piauí.

ABSTRACT

This is the report of the experience of educational and museological mediation held at Coqueiro Beach Community in Luís Correia, Piauí coastline, where the “Museu da Vila” is run, one of the centers of the “Delta do Parnaíba” ecomuseum. Mediation is an extension of the activities of the third edition of the Heritage fair, the gastronomic route, which had the objective of mutual cooperation for the dissemination among local entrepreneurs and the university by its Master in Arts, Heritage and Museology (UFPI), organizer of the event. As a result of the success of the partnership and the importance of community immersion in recovery of local knowledge and practices, it was held an external mediation activity with the restaurant owners on the edge of the Praia do Coqueiro (Coqueiro beach), since they deal with public and are potential disseminators of heritage and cultural instruments. The proposal, based on heritage interpretation was performed as directed discussion focusing on memory and the perception of the community about the “Museu da Vila” (MUV), the perception of new meanings for that place – formerly working as school – and the existing cultural programs. Based on the tripod of Social museology, Research – Educate – Communicate, the activity worked as diagnosis and generated products-responses to the development of actions in the Museum.

Keywords: Museum. Social Museology. Mediation. Piauí.

INTRODUÇÃO

Esta produção visa entender e analisar uma atividade extra museal de mediação educativa e museológica nos estabelecimentos localizados na orla marítima da Praia do Coqueiro, situada no bairro Coqueiro da Praia, município de Luís Correia, litoral do Piauí. No referido bairro encontra-se o Museu da Vila (MUV), que é um dos núcleos do ecomuseu Delta do Parnaíba, iniciativa do mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí.

Em uma das ações realizadas no Museu da Vila, a Feira do Patrimônio, planejada e executada pela quarta turma do mestrado, em sua terceira edição (2018), proporcionou uma interação entre moradores, turistas e estudantes naquele lugar.

Um dos pontos que foram discutidos e que teve resultado integrador foi a rota gastronômica. Esta atividade contou com apoio dos donos de bares e restaurantes locais em troca de divulgação e apoio às iniciativas do museu. Devido ao resultado positivo e satisfatório, a rota gastronômica foi usada como uma ferramenta de estudo do programa de pós-graduação no curso de programação museológica, patrimônio, sociedade e educação museal. A partir disso, foram desenvolvidas atividades por parte dos mes-

trandos, que propusessem ações de mediação na própria comunidade.

Incorporando a noção ultra geográfica dos ecomuseus enquanto território amplo e que transpõe a constituição física do *locus* museal tradicional, buscou-se uma alternativa para propor mediação a um público focal que, por alguns motivos, não frequentara o ambiente do Museu da Vila.

O público alvo inicial do processo de mediação foi dos proprietários dos restaurantes da orla da Praia do Coqueiro que haviam contribuído para a Feira do Patrimônio. O objetivo da atividade de mediação proposta foi atrair visitação ao Museu da Vila. Como objetivo específico, estabeleceu-se a consolidação de mediadores externos. Justifica-se essa escolha de público alvo pelo potencial de propagação destes através da constante interação com um público flutuante externo.

Segundo a ótica da museologia social, pode-se considerar que todos aqueles que habitam o território fazem parte do ecomuseu por serem, ainda que de influência inconsciente, público deste. Esses somam-se aos atores sociais envolvidos diretamente, pois são pertencentes a uma mesma teia social de valores, hábitos, memórias, costumes.

Como metodologia aplicou-se a mediação discussão dirigida, partindo de um roteiro aberto com, inicialmente, dez perguntas de partida que versavam sobre a percepção do entrevistado acerca do Museu da Vila desde a ocasião da Rota Gastronômica; a constatação ou não de mudanças naquele lugar em consequência da implantação do museu, evocando suas memórias da edificação onde hoje funciona o polo do ecomuseu; o alcance das atividades realizadas no museu e a investigação do interesse em participar destas.

Com esse trabalho realizado, foi possível analisar as necessidades e interesses por parte da população local de ter um maior acesso ao museu, publicização das atividades e exposições, qualificação de pessoal, oficinas, continuidade da parceria para a próxima Feira do Patrimônio, evento que busca valorizar, entender e divulgar o patrimônio e as atividades realizadas.

1 Metodologia

Para realização da atividade proposta foi utilizada uma abordagem qualitativa com procedimentos exploratórios como levantamento bibliográfico e entrevistas semiestruturadas. A pesquisa desenvolveu-se a partir de um fio condutor: mediação educacional e museal realizada na comunidade do Coqueiro da Praia em Luís Correia, litoral do Piauí, onde funciona o Museu da Vila, um dos núcleos do Ecomuseu Delta do Parnaíba.

A mediação é extensão de uma das atividades da terceira edição da Feira do Patrimônio, a rota gastronômica, que teve como objetivo uma co-operação mútua de divulgação entre empreendedores locais e o Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia da UFPI, organizador do evento. Como consequência do sucesso da parceria e a importância da imersão da comunidade na valorização dos saberes e fazeres locais, foi realizada uma atividade de mediação externa com os proprietários de restaurantes na orla da Praia do Coqueiro, visto que lidam com públicos e são potenciais divulgadores do Patrimônio e de seus instrumentos culturais.

A proposta, baseada na interpretação patrimonial, foi realizada como discussão dirigida com foco na memória e na percepção da comunidade acerca do Museu da Vila (MUV), da resignificação daquele espaço físico – outrora funcionando como escola – e as programações culturais existentes. Baseada no tripé da Museologia Social, Pesquisar – Educar – Comunicar, a atividade serviu como diagnóstico e gerou produtos-respostas para o desenvolvimento das ações no Museu.

Como metodologia, aplicou-se a mediação discussão dirigida pautada no livro “Educação em museus: a mediação em foco” de Martha Marandino. Outra referência foi tomada através das teorias de educação em museus do livro “Mediação em Museus. Compêndio dos materiais do curso”, que reúne o relato de diversas atividades de mediação realizadas em vários países da Europa.

Partindo de um roteiro aberto com, inicialmente, dez perguntas de partida que versavam sobre a percepção do entrevistado acerca do Museu da Vila desde a ocasião da Rota Gastronômica; a constatação ou não de mudanças naquele lugar em consequência da implantação do museu, evocando suas memórias da edificação onde hoje funciona o polo do ecomuseu; o alcance das atividades realizadas no museu e a investigação do interesse em participar destas.

A produção dessa atividade subsidiou ações que promoveram um diálogo e aproximação com a dimensão coletiva e interativa da investigação, e desse modo expressar os valores e as tradições culturais da região estudada.

2 O bairro Coqueiro da Praia

A origem do bairro Coqueiro da Praia advém da formação da cidade de Luís Correia no litoral do Piauí, que remonta ao povoado Amarração, fundado no início do século XIX por pescadores que se instalaram na região litorânea – então pertencente ao Ceará, mais especificamente ao mu-

nicípio de Granja e, em 1874 foi elevada à condição de vila.

Ainda sob a alcunha de Amarração, Luís Correia teve participação decisiva na Guerra dos Balaios, que aconteceu entre os estados do Ceará e Piauí. Em virtude da sua posição litorânea privilegiada, tornou-se ponto de desembarque das tropas oficiais. No pós-guerra, por volta de 1880, a vila passou a pertencer ao Piauí em troca dos territórios de Independência e Príncipe Imperial (hoje cidade de Crateús) ambos no Ceará (BRASIL, 1880).

A transição de Amarração para município ocorreu no início do século XX, em 1911 com a assinatura de um decreto. O município portuário ganhou forte suporte com a inauguração da Estrada de Ferro Central do Piauí. O porto passou a receber cada vez mais embarcações, desde pequenos barcos de pescadores locais a grandes navios que seguiam viagem para a Europa e outros países da América do Sul.

Tendo em vista a importância do município, após 20 anos, a cidade passou a integrar o município de Parnaíba, que já se destacava como a principal do litoral do Piauí. A autonomia de fato e de direito só veio em 1938 já com o nome de Luís Correia, alterado ainda em 1935- quando se chamava Amarração- em homenagem ao jornalista e escritor, natural da cidade, Luís Moraes Correia.

Devido à importância portuária, mercantil, de saberes, riquezas naturais e sua posição geográfica privilegiada, o município aos poucos ganhou destaque a nível nacional e necessitou de preservação ambiental juntamente com os outros municípios que compõem essa região (VIEIRA, 2010, p.104). Para concretizar esse desejo e necessidade, foi criada em 28 de agosto de 1996, o decreto S/N – por solicitação de ambientalistas – a Área de Proteção Ambiental do Delta do Parnaíba (APA Delta do Parnaíba). A área abrange os estados do Piauí e Maranhão, possui aproximadamente 3031 km² e uma importante área de zona costeira brasileira por formar o único delta em mar aberto das américas, com mais de 75 ilhas, por ser um santuário de reprodução de diversas espécies de peixes, caranguejo, lagostas e camarão, desova de tartarugas, além da proteção de estuário onde se reproduz o peixe-boi (ABREU: MOURA, 2016, p.02).

Nessa perspectiva de importância singular, a presente pesquisa se debruça sobre um dos bairros mais conhecidos e frequentado da cidade de Luís Correia, distante aproximadamente 10 km do centro da cidade, o “Coqueiro” como é carinhosamente conhecido por moradores e turistas. O bairro tem sua origem na aglomeração de pescadores na então vila, que artesanalmente produziam seus instrumentos de ofício e ali residiam e vendiam o que pescavam. Com o passar dos anos e publicitação das belezas naturais do litoral piauiense, o bairro Coqueiro da Praia e sua Praia do

Coqueiro ganharam destaque e sua ocupação foi sendo realizada por residências de veranistas, bares ao longo da costa praieira. Comumente registra-se invasão de terrenos onde deveriam existir áreas de proteção da costa e alguns pontos naturais destruídos. Essa ocupação transformou a paisagem do lugar, trouxe consigo uma série de problemas de configuração de cenário urbano local e modificou a vida daqueles que ali residiam desde a fundação.

Sob o panorama de uma abordagem social da museologia e tendo em vista a importância deste bairro tanto pelos aspectos de significância de recursos e paisagens naturais, paisagem cultural e modos de saber-fazer do conglomerado da APA Delta do Parnaíba, pretende-se aqui entender e analisar uma atividade extra museal de mediação educativa e museológica nos bares e restaurantes localizados na orla marítima da Praia do Coqueiro, situada no bairro de mesmo nome onde encontra-se o Museu da Vila, um dos núcleos do ecomuseu Delta do Parnaíba, iniciativa do mestrado em artes patrimônio e museologia da Universidade Federal do Piauí. Na sua terceira edição, a Feira do Patrimônio utilizou-se de todo o território do Coqueiro da Praia para abrigar suas atividades, incluindo o Museu da Vila, a Feira do Patrimônio, permitindo uma troca de conhecimentos e convivência entre os atores locais, turistas e participantes inscritos no evento.

3 Tratando de museologia social

Com intuito de integrar a comunidade acadêmica e comunidade local, um dos pontos que foram discutidos e tiveram relação mútua de benefícios foi a rota gastronômica, em que houve um apoio dos donos de bares e restaurantes locais para com o evento em troca de divulgação e apoio às iniciativas. Devido ao resultado positivo e satisfatório, a rota gastronômica foi usada como uma ferramenta de estudo do curso de Mediação Museal e Educativa, proporcionou atividades aos mestrandos de modo que os deixou livres para que pensassem em ações de mediação na própria comunidade.

A importância dessa atividade se deu no quesito de aproximar o tripé da museologia social – o pesquisar, o educar e o comunicar – aos outros preceitos praticados pela própria museologia, que são a interação com a comunidade, o envolvimento e a identificação desta com o seu patrimônio, com as suas riquezas naturais e com os seus saberes e fazeres.

A terceira base do tripé da museologia, o comunicar, diz respeito também ao desenvolvimento local, pois ao tempo em que se comunica e divulga, se consegue aproximar as identidades, se consegue entender melhor o patrimônio e preservar aquilo que singulariza em relação aos outros.

O desenvolvimento local caminha junto com o processo de valorização e preservação do patrimônio cultural. Juntos formam uma construção coletiva e dão suporte às necessidades de uma determinada comunidade pois envolvem diálogos e estratégias de ensino e aprendizagem. Para que ele aconteça, é necessário instrução e conhecimento sobre o bem cultural em questão, pois:

O patrimônio sob duas diferentes formas (material ou imaterial, morto ou vivo) fornece o húmus, a terra fértil necessária ao desenvolvimento. O desenvolvimento não se faz “fora do solo”. Suas raízes devem se nutrir dos numerosos materiais que, na sua maioria, estão presentes no patrimônio: o solo e a paisagem, a memória e os modos de vida dos habitantes, as construções, a produção de bens e serviços adaptados às demandas e necessidades das pessoas, etc. Como em todo fenômeno do crescimento, há a transformação do material disponível: destruição, modificação da estrutura ou da forma, aparição de novos objetos, criação de energia (VARINE, 2013, p.18).

A importância dada ao conhecimento acerca do patrimônio, traz na obra “As raízes do Futuro” de Hugues de Varine uma observação importante que “a gestão do patrimônio deve ser feita o mais próximo possível dos criadores e dos detentores desse patrimônio, de modo a não os separar da vida” (VARINE, 2013, p.19). Dessa forma, o autor alimenta o sentimento e a responsabilidade de comunidade, como fatores primordiais ao seu desenvolvimento tendo em vista o patrimônio. O papel de sensibilizar, facilitar, educar, pôr em contato, mediar e gerir pela margem, em função do interesse geral é de responsabilidade das instituições especializadas.

Quando a população se reconhece e se sente representada pelos bens culturais fincados naquela comunidade, as estratégias educativas para a preservação tornam-se mais fáceis de serem aplicadas. O desenvolvimento parte desse ponto: reconhecer e valorizar. Para que isso aconteça, é necessário utilizar a Educação patrimonial como estratégia de conhecimento dos patrimônios da comunidade. É uma fonte primária de informação individual e coletiva, pois se observa, se questiona e faz comparações, por isso vai além de uma mera divulgação do patrimônio, é um aprendizado sobre o processo cultural local de forma individual e coletiva.

Outra forma de desenvolvimento local interligada à educação patrimonial é o museu comunitário que, de acordo com Varine, “é a expressão de uma comunidade humana, a qual se caracteriza pelo compartilhamento de um território, de uma cultura viva, de modo de vida e de atividade comuns;

e essa comunidade pode ser composta de várias comunidades” (VARINE, 2013, p. 189). O museu é de propriedade da comunidade, é ela que o fez nascer, que lhe desenvolve e faz viver. Em troca, o museu comunitário vem como instrumento de desenvolvimento, onde o patrimônio é o objeto principal. No entanto, ele não “sustenta” o museu sozinho, pois este tem além daquele, ideias, projetos, interação e vivência. O autor o vê ainda como “um ato de independência da comunidade, que pretende se olhar, avaliar seus trunfos e suas oportunidades, mas também suas lacunas e fazer suas próprias escolhas” (VARINE, 2013, p. 192).

O museu comunitário e a educação patrimonial desenvolvem juntos o sentimento de pertencimento, identidade e memória coletiva que foi tratado nos tópicos anteriores do presente artigo. Tem o poder de valorizar os bens patrimoniais locais através da educação e do conhecimento transformado em modo de vida pelo patrimônio local (VARINE, 2013, p.193).

A nova museologia, a partir das ideias de Varine (2013), já aborda a educação dos museus de forma mais dialógica entre público, museu, acervo, em que todos são de alguma forma ativos no processo de aprendizagem. “Mas o museu local, como suas atividades, pertence, antes de tudo, à comunidade que vive nesse território [...]” (VARINE, 2013, p.175).

4 O momento da mediação: educação em museus

Com o passar dos anos, os museus foram assumindo cada vez mais, e de diversas formas, seu papel educativo. Hoje o museu assume seu papel de ambiente de educação não-formal, que se diferencia da educação formal, conceituada como, hierárquica, estruturada, graduada, e da informal, entendida como um processo realizado ao longo da vida, que pode ocorrer no ambiente familiar, no trabalho, no lazer ou nas mídias de massa (MARANDINO, 2008).

Marandino (2008), traz uma definição de educação não-formal:

Qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem (MARANDINO, 2008, p.13).

Essa definição de educação não-formal pode ser entendida maneira mais ampla, em que o conceito de aprendizagem se associa ao próprio conceito de cultura. Assim, a educação não-formal, pode se tratar de um processo de aprendizagem de habilidades para o trabalho, direitos dos in-

divíduos, ou até conteúdos para a própria escolarização formal, em diversas formas e lugares (GONH, 1999 *apud* MARANDINO, 2008), dentre eles, o museu.

A Educação em museus, não-formal, como já foi definida, pode ser dividida em duas dimensões básicas: a educativa e a comunicativa. Na dimensão educativa, os museus sofreram grande influência das teorias educacionais do mundo e foram sofrendo modificações, passando pela educação tecnicista, na qual as exposições tinham o objetivo de instruir sem a interação ou participação do público. Nesse exemplo, as coleções eram expostas de forma desordenada, sem critérios científicos, apenas com o intuito demonstrativo de objetos. Posteriormente, começa-se a pensar maneiras de diálogo com público, pensa-se uma forma de comunicação que tornasse mais claro o entendimento do que era exposto, mas ainda com ferramentas de interação limitadas, na tentativa de manter o interesse do público visitante (MARANDINO, 2008).

Da Milano (2014) nos traz a ideia da nova percepção de público, tornando-o mais ativo e participante das atividades educativas e culturais museológicas. O chamado modelo de inclusão cultural engloba de forma mais complexa e ampla o conceito de inclusão:

De forma mais intensa, a partir da década de 1980, a concepção educativa das exposições em museus de ciência recebeu aportes das teorias construtivistas, que enfatizavam o papel ativo do indivíduo na construção de seu próprio aprendizado e afirmavam que a aprendizagem é um processo dinâmico que requer uma interação constante entre o indivíduo e o ambiente (STUDART, 2000 *Apud* MARANDINO, 2008, p.16).

De acordo com a aceção de Marandino (2008), na contemporaneidade, o foco da educação em museus passou a ser o público participante, de forma ativa no processo educativo, havendo uma preocupação em tornar a exposição acessível de tal maneira que se torne significativa e agradável às pessoas que a visitam.

Na dimensão comunicativa, não diferente, percebe-se uma abordagem totalmente voltada para o diálogo com o público, apesar de ainda existirem exposições com planejamentos que não contemplam o público-alvo e sua especificidade. Isto ainda acontece devido a uma visão enraizada de que o responsável pela comunicação seria o detentor do conhecimento e que o público é o receptor, passivo e leigo. Nessa abordagem muitas vezes equivocada, os profissionais e técnicos são os únicos responsáveis pela escolha do que irão comunicar, de que modo e com que ferramentas se utilizarão para

a comunicação. Sem dúvidas, uma das funções do museu é a de educar, de colaborar na formação do indivíduo e, através da comunicação museológica também ocorre a apropriação do conhecimento pela sociedade, ademais do ambiente da educação formal, escolar (MARANDINO, 2008):

As tendências atuais entendem a comunicação em museus como um processo cultural [...] em via dupla, dos especialistas até o público e do público até os especialistas. Nessa abordagem, o significado é construído por meio de um processo ativo de negociação de saberes e experiências, no qual todas as partes trabalham em conjunto para produzir interpretações compartilhadas (MARANDINO, 2008, p 16).

Como facilitadores dessa comunicação, há os mediadores de museu e educadores que, em geral, são de áreas acadêmicas muito diversificadas, muito embora boa parte não possua formação específica nas áreas de comunicação e/ou educação, formação essa de grande importância para as suas atividades cotidianas do museu (CÂMARA, 2014).

O papel do museu é também de prestar um serviço para a coletividade e, portanto, exige padrões mais elevados de prática profissional, tanto por parte dos mediadores e educadores com o público, como de gestão (PINTO, 2012).

Para uma boa qualidade do trabalho educativo de um museu, principalmente relacionado ao exercício da mediação com o público visitante, são definidas algumas estratégias que estão separadas de maneira geral em três tipos de visitação: discussão dirigida, visita-palestra e visita-descoberta, definidas por Grinder e McCoy (MARANDINO, 2008).

Marandino (2008), apresenta as definições: a visita-palestra é considerada a mais tradicional de todas, sem uma grande interação do público, em que o mediador apenas transmite sua interpretação do acervo em exposição para os visitantes de forma oral. O mediador ou educador aprofunda um tema em que seja especialista, atingindo, portanto, um público de interesse específico. A visita-descoberta é um dos tipos de visita mais interativo com o público, possibilitando o uso de atividades lúdicas, como jogos, o que permite novos e diferentes olhares para o conteúdo expositivo. A discussão dirigida é uma mediação que trabalha com questionamentos, promovendo um diálogo e debate, entre mediador e público, promove intensa interação. É baseada em um roteiro estruturado, com objetivos educacionais definidos, podendo ser adaptado para cada grupo.

Entendendo a necessidade de diálogo entre museu, mediadores, público e comunidade, são realizadas no Museu da Vila (MUV) atividades

educativas e de mediação por parte da comunidade acadêmica junto à comunidade local através de projetos-ação, incluindo atividades profissionalizantes ligadas ao patrimônio e educação patrimonial. Alguns dos exemplos a serem citados, produtos de projetos de pesquisa-ação de mestrandos e mestres são: o ateliê de moda, que instrui principalmente mulheres para atuação profissional no ramo; os Guardiões do Patrimônio, projeto de formação de jovens mediadores através da iniciativa de educação ambiental, com alunos do ensino fundamental e médio de escolas públicas da área; e ações de orientação jurídica sobre direitos humanos com a comunidade entorno.

O Museu da Vila possui exposições que acontecem periodicamente como exercícios das turmas do mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia da UFPI. Durante cursos do mestrado, são propostas atividades relativas aos conteúdos abordados que vão desde o planejamento das exposições, passando pelos projetos museógrafos, atividades educativas, montagem, acompanhamento, mediação e análise de resultados. A exemplo, sob supervisão da coordenação do programa de pós-graduação, o planejamento e montagem da exposição inaugural do MUV foi realizada por discentes e intitulada “Por entre Rio e Mar”, que durou de julho de 2018 a abril de 2019, ficando exposta durante a terceira feira do patrimônio, ocorrida no mês de outubro de 2018, sediada neste Museu mas com atividades em todo o bairro do Coqueiro da Praia, incorporando e aplicando as noções de museologia social, envolvimento comunitário e pesquisa social colaborativa e ativa, sempre envolvendo o bojo do patrimônio cultural.

5 No Coqueiro: da feira à rota gastronômica

Como relatado, a Feira do Patrimônio, enquanto evento organizado pelo Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia da UFPI integra desde 2015a programação de atividades no contexto da Semana Nacional de Museus, promovida anualmente pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) como uma temporada cultural para comemorar o Dia Internacional de Museus no Brasil, associada à iniciativa do Conselho Internacional de Museus (ICOM).

De acordo com a Professora Doutora Áurea da Paz Pinheiro, idealizadora do evento, a Feira do Patrimônio materializa-se em um conjunto de ações de natureza educativa, cultural e econômica, uma prática colaborativa entre o referido programa de pós-graduação da UFPI e demais instituições públicas e privadas, envolvendo as comunidades da cidade de Parnaíba- PI e do bairro Coqueiro da Praia, bem como dos municípios de seu entorno.

A Feira foi reconhecida em nível nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e pelo Fórum de Patrimônio Mestres e Conselheiros como ação socioeducativa e cultural de maior relevância, sendo uma proposta pioneira no país, especificamente na região Meio Norte do Brasil, com o objetivo de promover a conscientização e sensibilização quanto à preservação do patrimônio (cultural e natural).

Em 2016, foi realizada a primeira edição da Feira do Patrimônio, ocorrida entre os dias 18 e 20 de maio na Universidade Federal do Piauí, Campus Parnaíba. O evento aconteceu no espaço de convivência na entrada principal da UFPIe, como parte da programação, foi realizada uma exposição sobre o “Museu do Trem”. Com poucas peças expostas (um capace-te de madeira e fotografias) e o uso de várias linguagens, foi possível levar os visitantes a viajarem no tempo e conhecerem a história da ferrovia e dos ferroviários do Piauí. Em apenas três dias a exposição teve mais de dois mil visitantes (CORREIA, 2018).

Ainda nessa primeira edição, foi realizado o projeto “Rendilhando Memórias”, uma proposta de mediação cultural para a feira que se utilizou de uma metodologia voltada para a educação do patrimônio visando despertar a atenção do público para o patrimônio edificado do Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba - PI, evidenciando as mudanças e/ou perdas sofridas pelo mesmo ao longo das gerações (OLIVEIRA et.al,2017).

A segunda edição da Feira do Patrimônio foi realizada entre os dias 17 e 20 de maio de 2017, ocorrendo simultaneamente à 15ª Semana Nacional de Museus e ao Congresso Internacional de Artes, Patrimônio e Museologia. O evento aconteceu na Galeria Principal do Centro Cultural Sesc Caixerial, prédio de relevância histórica no contexto da cidade e do centro urbano tombado de Parnaíba, e na rua adjacente a ele, a Avenida Getúlio Vargas, interditada para o evento durante os dias. No contexto da programação da feira, foi realizada uma exposição coletiva e colaborativa cuja temática estava associada à paisagem cultural da Carnaúba. Denominada de “Santa Carnaúba”, a exposição reuniu dez artistas brasileiros com conhecimento sobre o patrimônio cultural, os quais produziram obras especialmente para a exposição (MELO, 2017). Por meio desse esforço coletivo, a exposição propôs despertar as possibilidades de novos pontos de vista, utilizando-se e ressignificando esse rico patrimônio cultural (CORREIA, 2018).

A terceira edição da Feira do Patrimônio ocorreu no ano de 2018, entre os dias 18 e 21 de outubro no Museu da Vila, atual sede do Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia da UFPI, e localizado no já referido bairro Coqueiro da Praia, indo de encontro ao preconizado pela linha de pesquisa desta pós-graduação: a aproximação e colaboração do bi-

nômio pesquisador-comunidade, em uma simbiose. Dentro da programação do evento foram realizadas diversas atividades como cursos, oficinas de educação e interpretação patrimonial e ambiental, exposições, palestras, intervenções artísticas, rodas de conversa e de memória. Além disso, foram abertas as inscrições para apresentação de estudos e intervenções relacionados a três áreas temáticas: “artes, patrimônio e museologia”; “patrimônio, sociedade e educação” e “patrimônio, turismo e sustentabilidade”.

Outra atividade desenvolvida durante a 3ª edição da feira e idealizada pelos alunos da quarta turma do mestrado foi a Rota Gastronômica, que teve como objetivo uma cooperação mútua de divulgação entre empreendedores locais (donos de bares e restaurantes) e o mestrado organizador do evento. Essa proposta favoreceu a valorização da culinária da região, dos fazeres e saberes locais, contribuindo para disseminar os principais restaurantes existentes na comunidade, até então pouco conhecidos pelos visitantes.

Como instrumento de pesquisa-ação aplicada, a Rota Gastronômica em análise de resultados propiciou a presente reflexão e apresentação de produtos ora relatada. Propõe-se aqui uma breve análise da experiência de uma mediação externa realizada com os proprietários de restaurantes na orla da Praia do Coqueiro, visto que lidam com públicos e são potenciais divulgadores do Patrimônio e de seus instrumentos culturais.

Esta proposta da rota gastronômica – implantada durante a Feira do Patrimônio 2018 –foi desenvolvida em etapas. Em um primeiro momento, identificou-se estabelecimentos favoráveis à logística do evento, a fim de servirem como pontos de apoio e extensão da Feira, inclusive com fornecimento de refeições na área e proximidades do evento.

Essa identificação iniciou-se através de uma investigação exploratória das edificações para reconhecimento do espaço, da culinária oferecida, do custo das refeições, e da qualidade de atendimento. Buscando um engajamento dos proprietários com a museologia e ao mesmo tempo oferecendo aos integrantes da Feira do Patrimônio o contato com a culinária local e saberes e fazeres da comunidade.

Após o reconhecimento e seleção dos estabelecimentos que fariam parte da rota gastronômica, foi elaborado um mapa gastronômico sinalizando as edificações e montado um projeto gráfico para apresentação da feira, como uma proposta do mestrado que demonstrava os benefícios do evento para os estabelecimentos de fornecimento das refeições.

Este material foi composto do projeto arquitetônico da feira, maquete eletrônica da ambientação dos espaços, divulgação das atrações, período de funcionamento, horário de funcionamento, público alvo, par-

participantes e integrantes da feira, bem como o questionário que seria usado para avaliar o estabelecimento.

Durante a feira e fazendo parte do projeto da rota gastronômica, os proprietários dos restaurantes forneceram uma refeição gratuitamente para uma equipe de organizadores da feira, composta de três integrantes sendo escolhido a refeição que mais caracterizasse o estabelecimento e de acordo com a possibilidade do proprietário. Durante os quatro dias de feira, a cada dia, uma equipe diferente de avaliadores preenchia um questionário previamente estabelecido para dar subsídios de julgamento com isonomia. Esse questionário avaliou os seguintes itens: qualidade da refeição, quantidade da refeição, tempo de preparo, custo, atendimento, higiene e espaço. Os integrantes de cada equipe da rota gastronômica foram identificados e selecionados dentre os membros da organização da feira.

Concomitantemente à aplicação do questionário proposto pela rota gastronômica, observou-se que os proprietários e atendentes dos estabelecimentos tinham pouco ou nenhum conhecimento acerca do que é museu (quer seja pela concepção do museu tradicional, quer seja pelo ponto de vista da museologia social) e das atividades realizadas no MUV. A partir de uma análise crítica do desenvolvimento da Rota Gastronômica, ao se tomar esses atores como integrantes ativos das ações museais que concernem a um museu de comunidade – como é o caso do Museu da Vila no panorama do Ecomuseu Delta do Parnaíba – pôde-se perceber nesse desconhecimento um potencial transformador de formação de mediadores externos, divulgadores das atividades desenvolvidas no museu.

Na análise dos questionários, para além de uma avaliação parametrizada de sabores e qualidade de atendimento, observou-se fatores transversais, o que permitiu identificar dificuldades que os proprietários dos estabelecimentos enfrentam, a exemplo da carência de mão de obra especializada.

Como ponto de interseção e aproximação da persona pesquisadora que elege a colaboração e o colaborador ator da comunidade, demanda-se que surjam dessa relação soluções simbióticas. Nesse ponto, identificou-se que eventuais atividades sociais de capacitação profissional oferecidas no MUV poderiam, de algum modo contribuir para minimizar essas problemáticas: atendimento ao público, higienização pessoal do ambiente e dos produtos conforme normas técnicas e sanitárias, segurança do trabalho, produção e apresentação de pratos, entre outros relacionados a um exemplo de galgalo como este.

6 Produtos

Durante o processo de elaboração e aplicação da mediação, foram identificados alguns obstáculos que interferiam na interação desse público com o Museu da Vila quanto à visita. Identificou-se ainda que este público inicialmente com foco nos proprietários dos restaurantes poderia ser expandido para os colaboradores desses estabelecimentos. Essa percepção faz referência direta às dinamicidades da pesquisa-ação, na qual o processo é tão ou mais importante que o resultado, que demanda adaptações e que, às vezes, é o próprio produto (TRIPP, 2005).

Dentre os empecilhos identificados estava a incompatibilidade dos horários nos quais o Museu da Vila estava aberto à visita e os horários que os proprietários dos restaurantes tinham disponíveis para fazê-lo, devido às atividades dessas pessoas junto aos estabelecimentos. Como resultado, identificou-se que a maior parte dos atores entrevistados não conhecia o espaço físico do museu, mas ouvira falar de suas atividades e percebera a mudança ocorrida na outrora escola, agora museu.

Em consequência do roteiro aberto aplicado, para os atores os quais constatou-se que não havia ocorrido visita ao museu, como modo de transpor a barreira física e mais ainda, temporal, foi proposta uma visita virtual. Para tanto, foi apresentado ao entrevistado um vídeo da área interna, com foco na mudança ocorrida no ambiente, exibição de parte da exposição de longa duração instalada ali “Por entre rio e mar” e um convite ao final do vídeo para a visita ao museu.

Tendo em vista os gargalos identificados, o produto dessa mediação propôs ações em duas frentes: uma relativa às ações diretamente relacionadas ao museu da vila e outra relacionada ao público-alvo referido. Na primeira frente, destacou-se como ação catalizadora de mudanças a maior divulgação das atividades do MUV ao público de uma maneira geral; elaboração de grade de horários de visita a ser exposta na fachada do museu e a alteração dos horários de visita do museu em pelo menos um dia da semana. Na frente de atendimento ao público-alvo, propõe-se a elaboração de uma programação com calendário de atividades que supram as demandas locais de capacitação profissional e oferta cultural; e a criação de uma rede de identificação de colaboradores do patrimônio como um selo de atestado de qualidade a ser disponibilizado para promoção mútua do Museu da Vila e do empreendimento, atendendo a uma teia de influências locais com estímulo à visita mas, mais ainda, à valorização do patrimônio local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o exposto sob o ponto de vista teórico aliado ao relato de experiência prática, considera-se aqui a importância da discussão da museologia e sua abordagem social, a nova museologia, assim como a aplicabilidade do que fora discutido no curso de mediação educacional dentro do Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí para uma efetiva aplicação da colaboração de pesquisa-ação.

A atividade extramuros do Museu da Vila, em extensão, à orla da Praia do Coqueiro, através da rota gastronômica na Feira do Patrimônio 2018, possibilitou aos pesquisadores envolvidos um contato mais próximo com a comunidade que trabalha com bares e restaurantes na orla da praia. Estes, agora atores colaboradores nos planos de ação do MUV. Pôde-se conhecer e entender o calendário de trabalho, a influência de uma rotina de abastecimento dos estabelecimentos, a forma como a comunidade percebe o turismo e vice-versa. Percebeu-se as lacunas na comunicação do Museu quanto às suas atividades com a comunidade, através de uma abordagem metodológica de aproximação social. Notou-se, sobretudo, o empenho desses pequenos empreendedores em transformar o local em um ponto valorado de atração de turistas e, a partir disso, colaborar com as ações e atividades do núcleo do ecomuseu Delta do Parnaíba, localizado em sua comunidade.

Tendo em vista o engajamento desses empreendedores, o seu potencial multiplicador foi levado em conta como componente a ser proposto no plano de ação do Museu da Vila, com foco na possibilidade de oferta de formação de mediadores externos ao museu e capacitação profissional. Esses novos mediadores são efetivamente os reprodutores do que está sendo produzido, ofertado e exposto dentro das instalações do Museu da Vila.

De modo positivo, pôde-se observar que houve a criação de uma rede de interesses que fomenta parcerias contínuas em eventos que venham a beneficiar a comunidade de modo abrangente. Tal parceria busca, acima de tudo, valorizar, entender e divulgar o patrimônio cultural local por meio de seus saberes e fazeres baseado no tripé da museologia social: pesquisar (ouvir e diagnosticar), educar (fomentar) e comunicar (divulgar).

Em suma, é importante destacar aplicabilidade dos estudos teóricos e das boas práticas abordadas dentro do espaço acadêmico exemplificando o seu uso em uma comunidade pois, é a partir desse ponto de vista – da colaboração, negando a uma abordagem objetificadora e impessoal, que se devem aplicar as propostas de uma pesquisa ação colaborativa no âmbito da museologia social.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Ricardo da Silva. Mecanismos de gestão da APA Delta do Parnaíba, Piauí, Brasil. *Revista de Geociências do Nordeste*, v. 2, p. 913-920, 27 out. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/revistadoregne>>. Acesso em: 02 jul. de 2018.
- BRASIL. *Decreto nº 3.012, de 22 de outubro de 1880*. Altera a linha divisória das Províncias do Ceará o do Piauí. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3012-22-outubro-1880-546747-publicacaooriginal-61200-pl.html>>. Acesso em: 13 fev. 2019.
- CÂMARA, Inês Bettencourt. Mediação em Museus na Europa: sobre o projeto. In: MAPADAS IDEIAS (Portugal). *Mediação em Museus*. Sintra: Mapa das Ideias, 2014. Disponível em: <http://museummediators.eu/wp-content/uploads/2016/06/handbook_PT_web.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2019.
- CORREIA, Jéssica Santiago; PINHEIRO, Áurea da Paz; CARVALHO, Rita de Cássia Moura. Museus Hiperconectados: o risco do deslumbramento tecnológico. In: FÓRUM MESTRES E CONSELHEIROS, 10, 2018, Belo Horizonte. *Anais...* Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/xmestres/105392-museus-hiperconectados--o-risco-do-deslumbramento-tecnologico/>>. Acesso em: 12 maio 2019.
- MARANDINO, Martha (Org.). Educação em museus: a mediação em foco. São Paulo: Geenf - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Não-formal e Divulgação em Ciência/FEUSP, 2008. Disponível em: <<http://parquecientec.usp.br/wp-content/uploads/2014/03/MediacaoemFoco.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2019.
- MELO, Douglas Brandão de. *Santa Carnaúba: Concepção e Produção de Exposição Coletiva*. 2017. 56 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia, Universidade Federal do Piauí, Parnaíba, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.ufpi.br/xmlui/handle/123456789/790>>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- MILANO, Cristina Da. Sobre mediação, cultura, políticas e ação em sociedades do conhecimento em mudança. In: MAPA DAS IDEIAS (Portugal). *Mediação em Museus*. Sintra: Mapa das Ideias, 2014. Disponível em: <http://museummediators.eu/wp-content/uploads/2016/06/handbook_PT_web.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2019.
- OLIVEIRA, Gardênia Angelim Medeiros; SOUSA, Anik de Assunção Oliveira; ROCHA, Ellaine Martins Oliveira da. Rendilhando memórias, interpretando o patrimônio: Proposta de Mediação Cultural para a Feira do

Patrimônio de Parnaíba. In: SIMPÓSIO CIENTÍFICO DO ICOMOS, 1., 2017, Belo Horizonte. *Anais...* Disponível em: <<https://even3.blob.core.windows.net/anais/60792.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

PINTO, Julia Rocha. O papel social dos museus e a mediação cultural: Conceitos de Vygotsky na arte-educação não formal. *Palíndromo*, v. 7, p. 97-116, 2012. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/download/3341/2404>>. Acesso em: 05 maio 2019.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educ. Pesqui.*, v. 31, n.3, p. 443-466, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022005000300009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 09 jun. 2019.

VARINE, Hugues. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

VIEIRA, Lêda Rodrigues. *Caminhos de ferro: a ferrovia e a cidade de Parnaíba, 1916-1960*. 2010. 274 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal de Teresinha, Teresina, 2010.

Recebido em 27/07/2019

Aprovado em 06/08/2019